

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

ADELAIDE APARECIDA CHUE URUPE

A ARTE DO TRANÇADO DO ARTESANATO *CHIKUITANO*

**Barra do Bugres
2016**

ADELAIDE APARECIDA CHUE URUPE

A ARTE DO TRANÇADO DO ARTESANATO *CHIQUITANO*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado de Mato Grosso-
UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est.
Renê Barbour, como requisito parcial para
obtenção do título de graduada em Línguas,
Artes e Literatura.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Mônica Cidele da Cruz

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

U82a URUPE, Adelaide Aparecida Chue .

A arte do trançado do artesanato *Chiquitano* / Adelaide Aparecida Chue Urupe. – Barra do Bugres, 2016.

29 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz.

1. Povo *Chiquitano*. 2. Trançado. 3. Artesanato. 4. Arte. I. Cruz, M. C. da, Dra. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

ADELAIDE APARECIDA CHUE URUPE

A ARTE DO TRANÇADO DO ARTESANATO *CHIQUITANO*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciada em Línguas, Artes e Literatura.

Barra do Bugres, 28 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Mônica Cidele da Cruz
Professora Orientadora

Prof.^a Dr.^a. Claudia Landin Negreiros
Professora Avaliadora

Prof.^a Me. Ducinéia Tan Huare
Professora Avaliadora

Prof. Me. Isaías Munis Batista
Professor Avaliador

**Barra do Bugres
2016**

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por conduzir a minha vida até os dias atuais na conclusão deste curso.

De forma especial, ao professor Dr. Elias Januário, pela oportunidade de cursar a Licenciatura na Unemat, também, ao professor Dr. Adailton Alves da Silva pela dedicação até a finalização deste curso.

A todas as instituições ligadas ao curso.

A professora Dr. Mônica Cidele da Cruz pela orientação carinhosa deste trabalho.

A meu esposo Laucino Costa Leite Mendes pelo amor, pela força e apoio durante o curso.

A comunidade Vila Nova Barbecho, pela colaboração em todos os momentos de minha pesquisa, em especial, aos meus avôs, Nicolau Urupê e Clemência Muquissai e meu tio João Batista Urupe Muquissai, colaboradores direto do meu trabalho.

Ao meu pai José Reis Tossué e aos meus irmãos Marlene, Edenilson, Ronair Edinaldo e Tatiane pela força e apoio que me deram durante as minhas idas às Etapas Presenciais do curso.

A todos os professores que atuaram na Unemat, pela dedicação e entusiasmo demonstrado ao longo do curso fazendo parte de minha formação.

Enfim, meus sinceros agradecimentos a todos que direta ou indiretamente contribuíram para esta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo registrar os tipos de trançados do artesanato do povo Chiquitano. Para isso, apresentamos um breve histórico do povo, seus traços culturais, a língua chiquitano e sua situação; em seguida, destacamos a arte do trançado. Durante a pesquisa, observamos na aldeia Vila Nova Barbecho, em Porto Esperidião-MT, os tipos de artefatos trançados, e quais os padrões do trançado de cada um deles. Para tal, realizamos entrevistas, observação participante, conversas com a comunidade e, principalmente, com quatro anciões conhecedores dos trançados. Foram identificadas as tranças, as quantidades e tipos de trançados nos artefatos. Além de possibilitar conhecimento significativo, a construção deste trabalho registra alguns tipos de trançados: no baquité observamos formas de escama de um peixe denominado *Norüsüch* (cascudo) e de vários outros artesanatos de palha. Já no do apă, registramos três tipos de trançado: asa de gavião, escama de sucuri e estrela. As descrições e os registros fotográficos poderão contribuir para preservação da memória dessa arte do Chiquitano.

Palavras-chave: Chiquitano. Trançado. Artesanato. Arte

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Trançado asa de gavião	15
Figura 2 –	Formato de uma estrela	15
Figura 3 –	Trançado escama da sucuri	16
Figura 4 –	Modelo de peneira (<i>Manhamatarch</i>)	16
Figura 5 –	Balaio Chiquitano	17
Figura 6 –	Modelos de Abano e abanico	18
Figura 7 –	Modelo de Esteira Chiquitano.....	19
Figura 8 –	Modelo de baquité (<i>Panaquich</i>).....	19
Figura 9 –	Ancião fazendo um cargueiro de aves	20
Figura 10 –	Modelo de Jacá.....	21
Figura 11 –	Modelo de Baquité	22
Figura 12 –	Coleta do material	23
Figura 13 –	Iniciando o trançado	23
Figura 14 –	Finalizando o trançado	24
Figura 15 –	Dando acabamento	24
Figura 16 –	Trançado Escama de Peixe	26
Figura 17 –	Trançado de Peixe Cascudo	26
Figura 18 –	Trançado de Gavião	27
Figura 19 –	Trançado de Estrela.....	27
Figura 20 –	Trançado de Escamas de Sucuri.....	28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1.1 Traços culturais marcantes do povo <i>Chiquitano</i>	11
1.2 Situação linguística	12
 CAPÍTULO II – CULTURA MATERIAL E IMATERIAL	14
2.1 Tipos de artesanato trançados do povo <i>Chiquitano</i>	14
2.2 <i>Naparch</i> : apá	15
2.3 <i>Manhamatarch</i> : peneira	16
2.4 <i>Kiórórch</i> : balaio	17
2.5 Abano e abanico: <i>vakovitioch</i>	17
2.7 <i>Panaquich</i> : baquité.....	19
2.8 <i>Panakich</i> : cargueiro de aves.....	20
2.9 <i>Panakich</i> : jacá	21
2.10 <i>Panakich</i> : baquité	21
 CAPÍTULO III – MODELOS DOS TRANÇADOS	26
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
 REFERÊNCIAS	30
 CONSULTORES NATIVOS.....	30

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é sobre a arte do trançado do artesanato chiquitano. O interesse por esse tema surgiu a partir de uma observação sobre o conhecimento e uso dos artefatos trançados pelo povo, considerando que estão sendo esquecidos e quase em desuso.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi registrar, por meio da escrita, a sabedoria que está na memória de nossos anciões e que vem sendo repassada de geração a geração: mostrar os tipos de trançado do artesanato do povo *Chiquitano*. E isso, certamente, fará com que os jovens continuem com os costumes e saberes tradicionais do nosso povo.

A metodologia utilizada foi qualitativa e se baseou na realização de entrevistas com meus avós, tios, tias, observação participante e conversa com a comunidade, referente ao tema abordado, na aldeia Vila Nova Barbecho, entre 2014 e 2015.

O trabalho está estruturado em três capítulos: no primeiro capítulo, tratamos sobre o povo Chiquitano, parte em que abordamos sobre a história, língua e cultura. No segundo capítulo, apresentamos sobre a arte do trançado do artesanato *chiquitano*, apresentando alguns tipos de artesanatos trançados, tais como: apă, peneira, balaio, baquité, esteira, abanador, abanico e *panakich*.

No terceiro capítulo, dedicamos ao cerne do trabalho, ou seja, a arte de confeccionar artefatos mostrando nele os padrões de tranças utilizados, além de outros trançados.

Assim, pretendemos demonstrar a ampla importância do saber realizar o trançado e também dos artesanatos produzidos de forma natural e de uso em nosso modo de vida.

CAPÍTULO I – SOBRE O POVO CHIQUITANO: HISTÓRIA, LÍNGUA E CULTURA

O povo *Chiquitano* habita a região Noroeste de Mato Grosso e atualmente possui uma população de aproximadamente 2400 pessoas. Conta com 31 aldeias nos municípios de Cáceres, Porto Esperidião, Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade, onde apenas 03 delas são reconhecidas: Acorizal, Fazendinha e Vila Nova Barbecho. Esse povo preocupa-se agora com as melhorias de seu nível de vida, educação dos jovens, saúde e preservação do território que tanto lutaram para conquistar.

Nós, povo *Chiquitano*, ainda continuamos lutando para garantir a sobrevivência. Não possuíamos terra nem mesmo declarada até o ano de 2002 e éramos totalmente esquecidos pelos órgãos competentes. A partir de 2002, liderados pelo próprio povo, com acompanhamento da FUNAI, conseguimos, ao longo de anos, reconquistar parte da terra tradicional: A Terra Indígena Portal do Encantado na Vila Nova Barbecho que se encontra aos cuidados do Ministério Público Federal.

Os *Chiquitano* foram grandes líderes que garantiram até hoje a continuidade de nosso povo, muitos combateram e resistiram às pressões dos agentes econômicos que sempre ameaçaram as nossas existências.

De acordo com o senhor Nicolau Urupe¹, antigamente, nós, *Chiquitano* tínhamos uma prática de vida essencialmente nômade, sem fixar residência em um mesmo lugar, considerando que vivíamos basicamente da prática da caça, pesca e coleta de frutos silvestres, transitando livremente de um lugar para outro. Ainda segundo ele, a partir da chegada da sociedade não índia, tem início uma história de opressão, escravização, e proibição, fatos que destruíram alguns de nossos costumes, culturas, modo de vida e, principalmente, a nossa língua materna *chiquitano*.

Na aldeia Vila Nova Barbecho, por exemplo, nossa sobrevivência atualmente não depende mais só do cultivo de roças de subsistência “de toco”, caça, pesca e coleta, porque há muitos anos já vem sendo introduzidos na nossa alimentação outros produtos industrializados.

Até pouco tempo, a fonte de renda vinha através de venda de artesanatos, como: balaios, redes, pote, panela e forno de argila, produtos da roça, como mandioca, milho, etc. Agora, como já existem alguns indígenas que já são assalariados (Aposentados, Auxílio Bolsa Família, Funcionário da FUNAI, Professores, Diretor da Escola, AIS (Agentes de Saúde Indígena), (Agente de Saneamento Básico) e AAE), a confecção e vendas desses produtos

¹ O senhor Nicolau Urupe, tem 72 anos de idade, é morador da aldeia Vila Nova Barbecho. É meu avô materno.

diminuíram. Com o trabalho da FUNAI e outras entidades governamentais e não governamentais envolvidas na questão indígena, a nossa prática de vida mudou muito. Com isso, houve uma necessidade de fixarmos residência, a fim de possibilitar a assistência oferecida pela FUNAI, FUNASA, SEDUC.

1.1 Traços culturais marcantes do povo *Chiquitano*

Antigamente o povo Chiquitano praticava muitos rituais, como: o Ritual da Bebida Tradicional “Chicha”, o Ritual do *Curussé*, o Ritual do Casamento, o Ritual de Iniciação à Puberdade feminina e masculina e o Ritual da Cura dos Males entre outros.

A partir do contato com a sociedade ocidental, alguns desses rituais deixaram de ser praticados. Hoje apenas os rituais da Chicha, do *Curussé* e da Cura dos males estão vivos na comunidade.

Para o acontecimento do ritual da chicha, inicia-se com a fabricação da bebida, sendo por uma família ou em coletivo. Quando por família, esta realiza a chicha em sua casa, e no segundo dia, no período vespertino ou noturno fazem o convite a todas as famílias da aldeia para tal horário, nesse momento, o casal pega uma cuia de chicha e entrega a outro casal em forma de entrega para o outro dono e este casal fica comprometido de distribuir a chicha até acabar.

Quando coletiva, todas as mulheres preparam a bebida em suas casas ou em um lugar específico, que pode ser na casa de uma família ou no salão comunitário. Após a preparação, juntam-se no salão comunitário e fazem o convite às pessoas, e cada mulher faz seu carinhoamento.

Hoje esse ritual é praticado em oportunidades diversas, como forma de comemoração e confraternização e em outras situações de ajuntamento do povo.

Outro ritual importante para nós, *Chiquitano*, é a festa do *Curussé*, uma dança realizada formando uma roda de homens e mulheres o qual essa roda vai rodando e dando meia volta, juntando sempre as mãos no meio da roda e para trás em forma de ré. Os tocadores das caixas e da flauta guiam essa roda de danças em todas as casas da aldeia e todos vão seguindo dançando e brincando muito, nesses momentos de brincadeiras tudo vale jogar lama, tintas, água suja, palmadas, ou seja, sujar a outra pessoa o quanto puder. Isso se repete por três dias e, no último dia, acontece o ritual de surra, os pais peguem seus filhos, netos e até sobrinhos, leva ao local do ritual, em frente à mesa posta as bandeiras, com a corda feita de seda de tucum ou de couro de animais, então faz a cruz e bate três vezes para fazer a

demonstração de pedido de desculpas aos desrespeitos causados durante os dias de danças e de outros dias anteriores.

Além desses rituais, confeccionamos também artesanatos tradicionais de matéria prima como: apá, peneira, balaio, de palha: brinquedos, esteira, abanador, abanico, *panakich*, baquité, entre outros; de madeira: gaveta, gamela, pilão, mão de pilão e de argila como: pote, panela, forno, prato e assim diversos outros utensílios

Atualmente já utilizamos a tintura do urucum e jenipapo na pintura corporal por ser a afirmação de nossa identidade cultural. Usamos enfeites de braço e tornozelo, confeccionamos as saias e blusas com broto de buriti e seda do mesmo ou da folha de tucum e também de fios de algodão.

Por se tratar de um breve histórico é de grande importância ressaltar que muitas coisas poderão ser escritas em outros trabalhos. E nós, *Chiquitano*, estamos na expectativa quanto à participação e acompanhamento desta formação, pois acreditamos que essa confraternização entre os não índios contribui para o fortalecimento cultural do povo.

1.2 Situação (socio)linguística

Nós, *Chiquitano*, fomos obrigados a silenciar aquilo que nos diferencia dos não índios, em virtude dos inúmeros problemas pelos quais passamos no decorrer da história: imposição cristã pelos jesuítas, limites impostos pelos colonizadores e, posteriormente, imposição pelos militares da fronteira e fazendeiros.

Permanecem, ainda, entre nós apenas seis falantes da língua materna. São os anciões: Clemência Muquissai, Nicolau Urupe, Inácio Tomichá, Rosália Lopes, Lourenço Urupe e Micaela Urupe.

Atualmente, nós temos o português como primeira língua em todas as aldeias do *Chiquitano*. Todavia, a língua chiquitano passou por um processo de opressão, por parte da sociedade envolvente, que causou dormência da língua, infelizmente de forma involuntária e violenta. Tudo isso, em consequência do contato intensivo e extensivo com o português brasileiro no dia-a-dia, numa situação de relação de crescente dominância.

Vale lembrar que, quando os pais deixam de ensinar aos filhos sua língua materna, essa língua, conseqüentemente, passará por um processo de degradação e até perda da língua, pois foi o que aconteceu há muitos anos, quando nossos pais foram proibidos de ensinar a língua materna para os filhos. Porém, é importante ressaltar que nas comunidades, Vila Nova

Barbecho, Acorizal e Fazendinha estão, por meio da escola indígena, realizando ações para revitalizar a língua materna.

A continuação dessa iniciativa tem uma importância fundamental no processo de revitalização da língua e têm ganhado força com a pesquisa das professoras Áurea² e Ema², nos últimos anos.

A língua *chiquitano* sofreu e sofre com preconceitos e discriminação que estão enraizados na sociedade nacional. Entretanto, essa realidade tem também imposto novos paradigmas para a educação escolar chiquitano, pois no ano de 2003, houve a primeira iniciativa de revitalização da língua pelo professor Laucino Costa Leite Mendes, tendo como parceiros, o avô materno Inácio Tomichá e outra anciã Rosália Lopes, falantes da língua chiquitano. O objetivo era de fazer conhecida nossa língua indígena, uma das marcas indenitárias do povo e de muito prestígio no passado.

Revitalizar a língua chiquitano é ouvir as vozes dos nossos antepassados.

² Áurea Cavalcante Santana é professora da Fundação Nacional do Índio (Funai), Coordenação Regional de Cuiabá, MT.

² Ema Marta Dunck Cintra Coordenadora do Ensino Médio do Mato Grosso. Secretaria de Estado de Educação/Seduc.

CAPÍTULO II – CULTURA MATERIAL E IMATERIAL

A nossa cultura material está relacionada com a finalidade ou sentido que os objetos têm para nosso povo, ou seja, a importância e influência que exercem na definição de nossa identidade cultural. Os artefatos trançados são entendidos por nós como algo para ser apreendido, usado e preservado, passando de geração para geração reproduzindo e guardando a sua memória. Esses objetos têm uma época e lugar de produção, um povo que os faz e reproduz, logo têm um sentido histórico e humano. A nossa cultura material pode assim ser entendida como o conjunto de artefatos criados por nós, combinando matérias-primas e produções.

A cultura imaterial é o conhecimento transmitido na prática, na forma oral ou por meio de gestos, de geração para geração. Tradição e transmissão de conhecimento são fatores essenciais para a continuidade dessa cultura e para a construção de nossa identidade. O nosso patrimônio cultural não é composto apenas por elementos materiais, mas também através de manifestações da cultura imaterial, ele é constituído de práticas, representações, técnicas, objetos e lugares do mesmo. Exemplo de bens imateriais é o momento em que se encontra a folha fina no broto e realiza o ritual na criança, ela passa a fazer o trançado sem nenhuma dificuldade de aprendizagem.

2.1 Tipos de artesanato trançados do povo *Chiquitano*

Trançar é um ato solitário, que exige atenção, paciência e dedicação. O povo *Chiquitano* confeccionava e ainda confeccionamos vários tipos de artesanatos trançados para serem utilizados no cotidiano do povo e para suprir as necessidades da família. Cada artesanato tem sua maneira de ser confeccionado. Alguns são feitos tanto pelo homem como pela mulher. As crianças aprendem com seus pais, avós, tios e comunidade a confeccionar esses artesanatos. Existem artesanatos que são feitos de palha, broto de indaiá, babaçu e acurí, e outros de tala de buriti. Dessa maneira, o artesanato chiquitano é passado de geração em geração, mantendo a arte e a cultura do povo.

A seguir, apresentamos os tipos de alguns artesanatos de talos de buriti e de palha de acurí, babaçu ou indaiá.

2.2 *Naparch*: apá

Para confeccionar o apá, é necessário que, desde o simples ato de colher as fibras, verifique se a lua se encontra na posição correta para coleta. Após o corte da matéria-prima, é levada para casa e lá é feita a medida. Em seguida, é cortada de acordo com o tamanho do apá, retirando de cada pedaço cortado quatro tiras da casca do buriti, depois coloca-se ao sol para secar e, à noite, ao sereno para cedo iniciar o destalar dessas fibras. São feitas tiras de espessuras iguais e delas é feito um trançado, conforme se queira dar ao apá que, para nós são de três tipos: asa de gavião, estrela e escama de sucuri.

Ele é platiforme, apresenta acabamento com aro duplo, amarrado com fio de algodão que é encerado com cera de mel de abelha. É confeccionado por *Chiquitano*, tanto do sexo masculino quanto feminino. É uma das peças encontradas em todas as casas das famílias *chiquitano*, pois é de uso diário.

Figura 1 – Trançado asa de gavião



Fonte: Acervo da pesquisa, 2016

Figura 2 – Formato de uma estrela



Fonte: Acervo da pesquisa, 2016

Figura 3 – Trançado escama da sucuri



Fonte: Acervo da pesquisa, 2016

2.3 *Manhamatarch*: peneira

Figura 4 – Modelo de peneira (*Manhamatarch*)



Fonte: Acervo da pesquisa, 2016

Para confeccionar a peneira, primeiramente, coleta-se a taquara encontrada em mata alta, porém, é muito importante que se observe o tamanho de cada gomo e a perfeição da taquara.

Depois de colhida, coloca-a na água ou no sereno durante a noite para começar a destalar pela manhã. Como o apă, a peneira é platiforme, circular, de crivo fechado, formando trançado e deixando espaços entre os talos, de modo a coar massa de mandioca para fazer farinha, chicha, massa de arroz para bolo, etc. É confeccionada por homens e mulheres.

2.4 *Kiórórch*: balaio

Figura 5 – Balaio Chiquitano



Fonte: Acervo da pesquisa, 2016

O balaio é feito em diversos formatos com talas de buriti. Segue os padrões de trançados de sucuri. É confeccionado para vendas e também para uso diário.

2.5 *Abano e abanico: vakovitioch*

É confeccionado com folha de broto de indaiá e acurí, apresentando trançado na forma da escama do peixe cascudo, como se ele estivesse em pé ou deitado. É feito tanto pelos homens como pelas mulheres, é usado para abanar fogo, aliviar o calor e espantar insetos. Sua duração é de pouco tempo, pois era muito usado do dia a dia. Atualmente quase não se usa mais, devido à utilização do fogão a gás e ventiladores.

Figura 6 – Modelos de Abano e abanico



Fonte: Acervo da pesquisa, 2016

2.6 Poresich: esteira

A esteira é de formato retangular e confeccionado com folhas de broto de acurí, apresentando trançado como se o peixe estivesse deitado. Pode ser feita tanto por homem como por mulher. Ela se destina ao descanso e para as mulheres sentar fiar algodão.

Figura 7 – Modelo de Esteira Chiquitano



Fonte: Acervo da pesquisa, 2016

2.7 *Panakich*: baquité

Figura 8 – Modelo de baquité (*Panakich*)



Fonte: Acervo da pesquisa, 2016

É um artefato feito das palmeiras acurí, babaçu e indaiá que podem ser encontradas em lugares baixos úmidos, mata alto e cerrado.

Para a confecção do *panakich*, é necessário o mínimo de uma hora e meia. Era confeccionado pelo homem e pela mulher. Esperava-se a lua estar de três a quatro dias, que é fase minguante, para evitar o ataque de alguns insetos e carunchos, uma vez que pode mudar a coloração e assim perder a resistência e a durabilidade. O *panakich* também era utilizado para carregar mudanças e no casamento tradicional do povo *Chiquitano*. Atualmente não se confecciona mais esse artesanato porque seu uso foi substituído por outros utensílios, como sacolas, malas, sacos, entre outros.

2.8 *Panakich*: cargueiro de aves

Figura 9 – Ancião fazendo um cargueiro de aves



Fonte: Acervo da pesquisa, 2016

O *panakich* é confeccionado pelo homem e pela mulher *chiquitano*. É feito na mata no momento de caça, pois é utilizado, especificamente, para carregar aves.

2.9 *Panakich*: jacá

Figura 10 – Modelo de Jacá



Fonte: Acervo da pesquisa, 2016

É feito de broto de bacuri, nos momentos de necessidade na caçada, pescaria, coleta de frutas da mata e na roça.

2.10 *Panakich*: baquité

O baquité é um artefato feito de brotos de Acurí, babaçu e inajá. O Acurí é encontrado em lugares baixos e úmidos, em mata alta. O buriti é encontrado em beiras de rios, lagos e em lugares úmidos.

Acurí uma espécie de árvore nativa da mata e também de regiões pantaneiras, utilizada para arquitetar o baquité. Para a confecção do baquité é necessário, no mínimo, um dia, este é confeccionado pelo homem e pela mulher.

Figura 11 – Modelo de Baquité



Fonte: Acervo da pesquisa, 2016

Existe todo um ritual a ser seguido durante o processo de confecção: preparam-se as ferramentas tais como: foice e facão. Depois é escolhida a fase minguante da lua para evitar o ataque de alguns insetos e carunchos, pois pode mudar a coloração e assim perder a resistência e a durabilidade do artefato.

Para a extração da matéria prima, fazem-se necessários alguns cuidados antes de tirar o broto, pois é preciso procurar as árvores que tenham brotos compridos, dependendo o tamanho do baquité a ser feito e que sirva para a fabricação do objeto, para que assim não destruam outras que não serão utilizadas no momento, preservando assim a espécie de palmeira. Outro cuidado é com a perfeição do broto para não ser danificado, corta com muito cuidado e o leva para casa ou para uma sombra onde é trabalhado o baquité. Nesse momento também se procura a folha que será usada para o ritual de ensinamento de trança para criança Chiquitano.

Figura 12 – Coleta do material

Fonte: Acervo da pesquisa, 2016

Após a coleta do material, mede o tamanho de acordo com o tamanho e a idade da pessoa que vai carregar o *panakich* inicia-se a confecção já com o tamanho escolhido: pequeno, médio ou grande. Assim se inicia o trançado, abre o broto, deixando as folhas bem soltas para dar início ao trançado, tanto de um lado como do outro, dobra as folhas todas para um lado retirando algumas para dar o acabamento bom no trançado.

Figura 13 – Iniciando o trançado

Fonte: Acervo da pesquisa, 2016

Assim continua o trançado até atingir o tamanho adequado. Em seguida, tira o miolo do talo dando o formato da boca. Depois juntam-se as pontas e faz o fechamento do lado e do fundo.

Figura 14 – Finalizando o trançado



Fonte: Acervo da pesquisa, 2016

Vale a pena ressaltar que esse broto foi tirado por um ancião, isso se deve ao fato de ser mais experiente. O broto é retirado da árvore sem nenhuma agressão, tem um tamanho aproximadamente de 1,5m de comprimento. O broto é retirado da ponta da árvore, essa por sua vez já traz o comprimento desejado.

Figura 15 – Dando acabamento



Fonte: Acervo da pesquisa, 2016

O baquité pronto deve ser batizado na primeira vez que for utilizada, enchendo-o de produtos, assim sempre permanecerá cheio. Após o uso, vêm os cuidados em limpar e proteger da umidade e de insetos. No passado, o baquité era utilizado para transportar alimentos e armazenar cereais. Era confeccionado com mais frequência, mas nos dias atuais somente os anciões possuem o baquité para armazenar algodão. Os jovens já não têm os mesmos hábitos, pois devido ao contato com os não índios, passaram a utilizar bolsas compradas, não usando mais o baquité como antigamente.

CAPÍTULO III – MODELOS DOS TRANÇADOS

Trançado com padrões baseado na escama do peixe cascudo na forma horizontal.

Figura 16 – Trançado Escama de Peixe



Trançado com padrões de escama de peixe cascudo na forma vertical.

Figura 17 – Trançado de Peixe Cascudo



Fonte: Adelaide Chiquitano, 2016

Este trançado é de padrões de uma asa de gavião voando.

Figura 18 – Trançado de Gavião



Fonte: Adelaide Chiquitano, 2016

Já este, é de forma parecida como de uma estrela

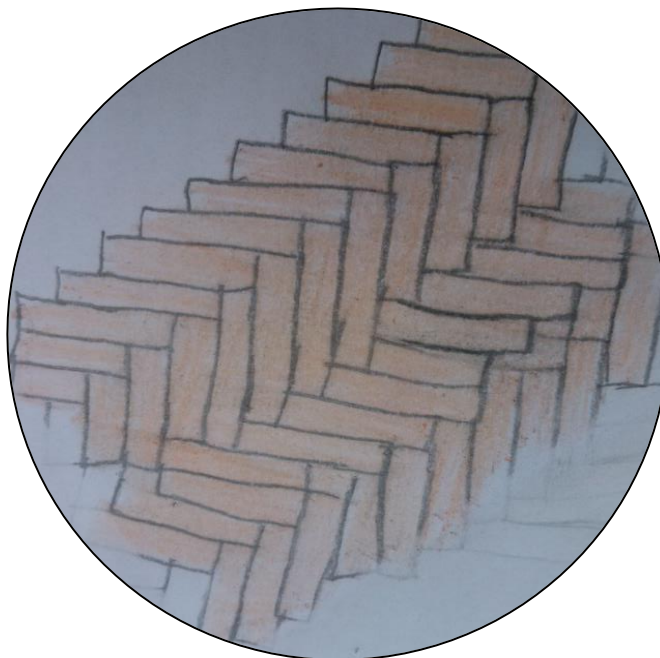
Figura 19 – Trançado de Estrela



Fonte: Adelaide Chiquitano, 2016

E este como escamas de uma sucuri.

Figura 20 – Trançado de Escamas de Sucuri



Fonte: Adelaide Chiquitano, 2016

Antigamente o povo Chiquitano construía seus utensílios para guardar e armazenar os seus produtos e cereais. Eles não pensavam em ideias conceituais de trançado, porém, pela intuição sabiam que era algo importante que fosse utilizado para transporte de alimentos e outros objetos. E assim eles construía diversos utensílios para atender suas necessidades domiciliares.

Segundo a Senhora Clemência Muquissai Soares Urupe³, as histórias que ela ouvia dos seus antepassados era que os conceitos dos trançados eram baseados na escama do peixe cascudo, deitado e em pé.

³ A senhora Clemência Muquissai Soares Urupe, tem 73 anos de idade, é moradora da aldeia Vila Nova Barbecho. É minha avó materna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi desenvolvida juntamente com os anciãos da comunidade para obter informações e revitalizar os tipos dos trançados do povo Chiquitano do município de Porto Esperidião, pois há muitos anos, estes trançados já vinham sendo esquecidos.

Esperamos que todos tomem um pouco de conhecimento sobre os nossos antepassados e aprendam a valorizar e envolver os anciãos em nossos aprendizados do dia-a-dia para mantermos a nossa cultura viva e não deixar que ela acabe no tempo. É preciso sempre recomençar um jeito novo de viver e nunca se esquecer dos nossos ancestrais, eles são a base de tudo.

Os trançados são feitos com muito cuidado, portanto, é somente realizado por pessoas devidamente preparadas. Para sua confecção, são utilizados talos de buriti, taboca, folhas broto de acurí, babaçu e indaiá. Sendo assim, é muito importante deixar registrado para as crianças e os jovens, pois muitos já não sabiam e a maioria não conhecia o significado deles e acharam importante essa valorização.

O povo Chiquitano da Terra Indígena Chiquitano realizava artefatos trançados no passado para carregar seus pertences de um lugar para outro e no cotidiano, mas hoje em dia apenas usa alguns artefatos como apá e peneira e balaies.

Assim, estão registrados neste trabalho alguns tipos de trançados: no baquité, formas de escama de um peixe denominado *Norüsüch* (cascudo) e de vários outros artesanatos de palha. Já no do apá, registramos três tipos de trançado: asa de gavião, escama de sucuri e estrela. As descrições e os registros fotográficos poderão contribuir para preservação da memória dessa arte dos Chiquitano.

Este registro poderá ser um ponto de partida para as futuras gerações, por isso, o levantamento junto aos anciãos foi fundamental para montar toda base de dados.

REFERÊNCIAS

Etnolinguistica.wdfiles.com/localfiles/.../santana_2012_**chiquitano**.pdwww.unemat.br/prppg/ppgca/teses/2010/05.pdf

CONSULTORES NATIVOS

Clemência Urupe Muquissai

Helena Laura Chue

João Batista Urupe.

Nicolau Urupe